

MEMÓRIAS DE CARBONO: UM ESTUDO SOBRE A FRAGILIDADE E TRANSFORMAÇÕES DA MEMÓRIA VIVA EM MONOTIPIA.

RAFAEL SCHAUN¹; KELLY WENDT²

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS– rafaelr.schaun@gmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS–kelly.wendt@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A seguinte pesquisa reflete minha produção poética e pensa a memória não como um registro fixo e estático de algo vivido, mas sim como elemento de caráter humano, que como nós, vive, se desgasta, se transforma e eventualmente se apaga. Adoto uma perspectiva autobiográfica, explorando a casa da vó, adentrando cômodos afetivos, voltando ao pátio da infância.

Ao produzir desenhos realistas criados através do desgaste da tinta azul do papel carbono, que são revelados colocando o suporte contra a luz, propõem uma visão interna e íntima, monto o trabalho MEMÓRIAS DE CARBONO. A tinta desgastada se transfere para a superfície abaixo, aqui o tecido de algodão cru, criando a monotipia, uma cópia única e que carrega cada marca traçada, inclusive aquelas que se tornam quase invisíveis no papel carbono, justamente esses detalhes mínimos que se perdem pela deterioração desse frágil tecido da lembrança.

Pensando na memória como impermanente, dotada dessa qualidade inerentemente humana, ela nasce, se modifica, envelhece e morre, não é imutável, não é fixa, é efêmera.

2. METODOLOGIA

O processo se inicia na casa, percorrendo os cômodos e retrocedendo na mente ao tempo que eles eram vivos, antes do falecimento da vó, quando a casa caiu em silencioso luto. Fragmentos mínimos da lembrança, o detalhe de uma fechadura que provoca ser aberta, o sofá que reunia a família e amigos para assistir à novela enquanto batiam as agulhas de tricô e até o ventilador antigo, com suas pás cansadas, derretidas como os relógios na pintura de Dalí “a persistência da memória, 1931”.

Crio rascunhos em papel pólen, Figura 1, a partir dos registros atuais da casa e os remendo com os retalhos das lembranças resgatadas, os uso como guia para as áreas que devem ser desgastadas no papel carbono. O carbono é pensado como a matriz de monotipia, uma superfície com tinta onde o desenho ou pintura são

realizados e transferidos para outro suporte, aqui o tecido de algodão. O processo é realizado em camadas, primeiro o rascunho em papel, logo abaixo o papel de carbono azul, por último o tecido. Uso a caneta esferográfica no rascunho, desgastando o carbono e marcando o tecido.

É necessário, o controle da pressão a ser exercida pela ponta da caneta sobre o rascunho, isso irá determinar o quanto será desgastado em cada área do carbono e também a suavidade dos meios tons, consequentemente quanto mais claro a área trabalhada no carbono mais escuro e demarcado ficará a monotipia no tecido de algodão cru, o negativo da imagem. Exemplo do processo abaixo:

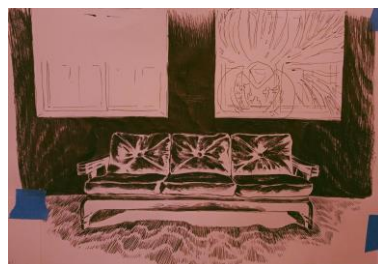


Figura 1: Rafael Schaun. Rascunho. 21X29,7, 2025.



Figura 2: Rafael Schaun. Desenho em carbono (matriz). 21X29,7, 2025



Figura 3: Rafael Schaun. Monotipia em algodão cru. 21X29,7, 2025.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O carbono só nos revela a imagem contra a luz, e a variação dessa, sua posição e intensidade, modificam a percepção do desenho, concedendo ao trabalho essa qualidade da memória que é viva, diferente de uma fotografia que as lembranças são recortes fixos do que foi vivido, aqui se confundem e se apagam. Como poetisa Mario Quintana “a imaginação é memória que enlouqueceu” (Quintana apud Camargo, 2009). Memórias não são imutáveis e vivem constantes transformações.

Aqui penso o papel carbono como materialidade para debater a memória viva e sua qualidade frágil. Relaciono esse processo com a monotipia, pois gera uma imagem por meio da pressão do desenho sobre o carbono, a caneta faz a pressão para que a imagem apareça, ou seja, a cópia surge no mesmo momento em que se subtrai a tinta azul do papel (BALUTH, 2016). Faço uma analogia com essa qualidade direta da produção da imagem com a memória, assim que se desgasta ela se transforma. A memória afetiva que se degrada como o desenho em carbono, e a memória reconstruída a imagem transferida para o tecido.

Pensando na apresentação do trabalho MEMÓRIAS DE CARBONO (Figura 5) escolhi o tecido de renda, ligando a essa visão para dentro da casa, como quem olha pelas janelas e tudo o que consegue captar/resgatar são os fragmentos através das porções translúcidas do tecido rendado, assim como eram as cortinas da casa da vó que separavam o dentro e o fora, que agora tento revisitar, também usado em velórios, onde o falecido é coberto por um tecido de renda, o corpo permanece ali, semivisível, porém separado do toque, assim como fala Iberê Camargo “A memória pertence ao passado. É um registro. Sempre que a evocamos, se faz presente, mas permanece intocável, como um sonho” (2009, p.30).



Figura 4: Rafael Schaun. Memórias de carbono. Medidas variáveis, 2025.

Esses desenhos em carbono, fragmentos do passado, sugerem a falta, tanto por serem gerados a partir da retirada de tinta do tecido de carbono quanto pela característica final do trabalho, a depender da luz e posição a imagem não é revelada, vemos apenas a renda, porém, em certos pontos de observação a imagem ganha destaque sobre o tecido rendado. Essa qualidade transitória da imagem do carbono entra em contraponto com a potência das monotípias que carregam corpo próprio, fisicalidade e visibilidade que independem a ação reflexiva da luz sobre elas, nesse jogo de corpo e alma, dos registros físicos e daqueles guardados na lembrança.

4. CONCLUSÕES

Por meio das investigações aqui citadas, dentro do campo da memória afetiva, e a experimentação do material carbono encontrei uma forma de debater a memória como elemento vivo, mutável e frágil (o carbono como material que se degrada com o tempo e facilmente se rasga, e o tecido de renda com sua natureza leve que revela quase tudo o que repousa sob ele).

Penso também o desenho e a gravura como linguagens representativas do ato de rememorar, a ideia de reconstituir a lembrança em matriz e então grava-la na tentativa de não mais perde-la. O trabalho, por sua qualidade transitória, induz o expectador a se aproximar, nesse ato de procurar a imagem até ela se revelar, e depois se perder.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMARGO, Iberê. **Gaveta dos Guardados**. Organização Augusto Massi. São Paulo: Edusp, 1998.

GALINDO, Marcus; MALTA, Albertina Otávia Lacerda. **A impermanência da Memória**. In: MANINI, Miriam Paula; OLIVEIRA, Eliane Braga de; GOMES, Ana Lucia de Abreu. Imagem, informação e memória: Abordagens acerca da preservação do audiovisual, do cinema e da fotografia. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2022. P. 147-160. DOI: <https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-271-0.p.147-160>

SILVEIRA, Norberto. **Introdução as artes gráficas**. Associação Riograndense de imprensa. Porto Alegre, 1985.

BALUTH, L. Gravura: monotípias e as possibilidades gráficas entre o fazer e o pensar contemporâneo. **NEST (Núcleo de Estudos Semióticos e Transdisciplinares)**, SC, 2016.